

A “BUSCA” PELA INCOMPLETUDE: LINDSEY ROCHA E O ESFACELAMENTO DA IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE*

Nincia Ribas Borges Teixeira
Maristela Valério
Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, Brasil

Recibido: 12/12/2012. Aceptado: 13/03/2013

Resumo: A pós-modernidade desencadeia discussões sobre questões que, até então, eram fechadas e indiscutíveis. No âmbito dos gêneros, o discurso predominante sempre foi o masculino, constituindo o homem símbolo de poder e liderança. À mulher, sempre coube a margem, o espaço das minorias. A partir da década de 1960, as mulheres passaram a lutar por um lugar onde não fossem apenas figurantes ou ocupassem a posição de objeto das relações e começassem a ser atuantes no processo de criação de seu próprio discurso e em busca de sua identidade. Esse percurso pode ser visualizado nas artes, principal espaço onde as mudanças sociais se refletem, em que se observa a influência dessas transformações na vida do sujeito pós-moderno. O objetivo da pesquisa é discutir as questões da identidade feminina, a partir dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, na obra da escritora curitibana Lindsey Rocha Lagni, no *blog* “Terra Totem”.

Palavras-chave: contemporaneidade; *blog*; identidade.

IN “SEARCH” OF INCOMPLETENESS: LINDSEY ROCHA AND THE FRAGMENTATION OF IDENTITY IN CONTEMPORANEITY

Abstract: Postmodernity triggers discussions about issues that had previously been closed and unquestionable. Within the genders, the dominant discourse was always male, constituting man symbol of power and leadership. The woman always fit the margin, the space of minorities. From the 1960s, women began to fight for a place where there were just extras or occupy the position of object relations and started being active in the process of creating your own speech and in search of its identity. This route can be viewed in the arts, main space where social changes are reflected in what is observed the influence of these changes on the lives of the postmodern subject. The objective of the research is to discuss the issues of female identity, from the theoretical assumptions of Cultural Studies, in the work of writer Lindsey Rocha Lagni in *blog* “Terra Totem”.

Key words: contemporaneity; *blog*; identity.

* Este artigo se vincula ao Grupo de Pesquisa Interfaces entre Língua e Literatura (Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO), certificado pelo CNPq.

1. Considerações iniciais

As tentativas da mulher contemporânea em definir sua identidade é objeto deste artigo, pretende-se discutir as questões da identidade feminina. O corpus são as manifestações artísticas da escritora e artista plástica curitibana Lindsey Rocha sob o ponto de vista dos Estudos Culturais e das Teorias da Contemporaneidade, acerca da fragmentação da sociedade e do sujeito pós-moderno. Segundo Stuart Hall (2003), vivemos um momento de crise, no qual as velhas identidades, estáveis por tanto tempo, estão em declínio, dando lugar a novas identidades, estas fragmentadas e descentradas.

A identidade do sujeito não pode ser vista apenas como a propriedade de um ser centrado e com limites definidos pelo gênero. Ao contrário, a identidade é aberta, multiforme. Tem contornos fugidios e adota traços pessoais, culturais e contextuais que se confundem com a sua própria história. A identidade é, por natureza, híbrida e inconstante. Nas palavras de Emília Pedro (apud Vieira, 2005):

as subjetividades definem a identidade do sujeito, elas não são identidades únicas e simples, mas são multidimensionais. A formação do sujeito toma lugar dentro de uma rede de indicadores que estão associados a uma série de categorias biológica, social e cultural como idade, gênero, etnicidade e classe.

As investigações que visam dar visibilidade às obras de autoria de mulheres, que hoje constituem uma das mais produtivas linhas de pesquisa no âmbito dos estudos feministas, têm levantado questões esclarecedoras e pertinentes sobre o sistema de representações operadas pelo construto da História. Visto que seus fundamentos estão comprometidos com convicções estéticas ao expressar valores ideológicos explícitos, mantenedores da invisibilidade no cânone, da produção artística procedente de autoria de mulheres.

Economicamente, o Paraná é um estado conhecido por sua forte vocação para o agronegócio. O setor primário da economia sempre foi um fator determinante do desenvolvimento, primeiramente com os ciclos da erva-mate e do café e, atualmente, com a produção de grãos. O caráter agrícola e rural da economia influenciou fortemente sua cultura e foi fator determinante para constituir a situação da mulher, criada dentro dessas sociedades rurais, dominadas pelo patriarcalismo e pela tradição cristã.

Segundo Teixeira (2008), para compreender a época em que vivemos, é preciso entender o passado. Sendo assim, as condições sociais e culturais sob as quais se desenvolveu o estado do Paraná promoveram o distanciamento da mulher da escrita, pois a educação feminina sempre foi relegada ao segundo plano dentro dessas famílias

tradicionais. Delas exigia-se que tivessem uma “boa formação”, dentro de escolas religiosas, e que se casassem com bons partidos. “Sob o manto da permissividade ou do respeito a todas as expressões individuais e coletivas, está um Paraná austero, conservador em suas práticas políticas e sociais, um estado vigilante de seu código patriarcal” (Teixeira, 2008: 68).

Os resquícios dessa sociedade patriarcal podem ser vistos ainda hoje. Segundo Teixeira, apesar de significarem mais de 44% do mercado de trabalho no Paraná, as mulheres continuam enfrentando obstáculos para a ascensão profissional, pois seu rendimento ainda é 42% inferior ao dos homens. A explicação para o salário menor é que as mulheres se inserem profissionalmente em ocupações de menor remuneração, produtividade e prestígio social, como as áreas da educação, saúde e serviços pessoais, principalmente o emprego doméstico.

Em toda a história da humanidade, as mulheres sempre foram relegadas ao segundo plano, principalmente nos trabalhos intelectuais. No Paraná, com a união de fatores que propiciaram o fortalecimento de uma sociedade patriarcal e conservadora, a participação das mulheres no cenário das artes se tornou ainda mais difícil. A maioria das escritoras contemporâneas tem a arte como atividade paralela a outras com maior remuneração, como o magistério, o jornalismo, a publicidade e outras áreas.

Com a falta de espaço para a visibilidade e a dificuldade em se inserir no difícil mercado das editoras, muitas artistas optam pela rede de computadores para divulgar seus textos. O principal veículo em que essa divulgação acontece é o *blog*, abreviatura de *weblog* (*web*: página da internet e *log*: diário de bordo). O *blog* se caracteriza como uma ferramenta que permite a publicação de pequenos blocos de texto, organizados, geralmente, em ordem cronológica. A principal vantagem dessa ferramenta frente a outras disponíveis na internet é a sua fácil utilização, pois exige poucos conhecimentos técnicos e de informática para sua estruturação e alimentação.

Alguns pesquisadores também definem o *blog* como uma espécie de diário virtual, no qual é possível disponibilizar textos, imagens e sons e, ao contrário dos antigos diários escritos a mão, que eram guardados a sete chaves, expõe aos internautas que acessam a página seus pensamentos e ideias.

Neles, observamos a exposição de um mosaico de várias vozes emendadas de modo contínuo a fazer (des)enrolar um imenso pergaminho eletrônico onde estão marcadas a voz do sujeito-*blogger* e as outras tantas vozes de sujeitos-navegadores. As marcas do privado passam a funcionar discursivamente como algo tecido no âmbito da coletividade, ou seja, do público que acessa o *blog*. (Ferrarezi; Bastos; Santos, 2011:67).

A arte impressa é um privilégio de uma minoria, pois sempre foi uma tarefa complexa e cara imprimir e publicar livros, ligada ao domínio das editoras. Com

o advento da internet, publicar tem se tornado uma atividade mais democrática. O *blog* é concebido como um espaço em que o autor pode expressar suas ideias de forma mais liberada, como a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais.

No *blog Terra Totem*, meio eletrônico utilizado por Lindsey como suporte para a divulgação do seu trabalho, é possível perceber os vários papéis assumidos pela artista, refletidos em sua produção artística. A primeira evidência fica por conta da forma como a escritora se descreve no espaço destinado a uma breve definição pessoal no *blog*: “Artista plástica, Escritora, Facilitadora de Oficinas e vivências artísticas/corporais. Formada em Letras pela UFPR (Universidade Federal do Paraná), autora do livro *Nervuras do silêncio* (Ed. 7Letras). Praticante de *Chi Kung*”. Além disso, nos textos, desenhos, fotografias e vídeos postados pela autora, outras identidades vão aparecendo, com maior ou menor frequência, marcando preferências e dando forma às múltiplas identidades assumidas pelo sujeito contemporâneo.

2. Fragmentos e dispersão: do sujeito às identidade(s)

As noções sobre o sujeito alteraram-se profundamente. A ausência de uma definição provoca o aparecimento de intrincada rede de sentidos, cujo papel é construir a identidade do sujeito contemporâneo. As diferentes ordens do discurso, responsáveis pelas mudanças do sujeito, constituem a identidade feminina e, por estarem submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitem a construção social da subjetividade da mulher.

Giddens (2002) assevera que a pós-modernidade tornou o sujeito passível de fragmentação e de dispersão, sendo a subjetividade reduzida a valor instrumental. Ainda, em virtude do acentuado desenvolvimento tecnológico, o sujeito pós-moderno aumenta velozmente a interação discursiva com a máquina enquanto, inversamente, a diminui com o gênero humano. Segundo Hall (2003), as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Sendo assim, o sujeito entra em crise devido às mudanças estruturais ocorridas do final do século XX, que estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade e outros.

A construção da identidade da mulher ocorre por meio da negociação da identidade e da diferença. Assim, identidade e diferença representam atualmente os

maiores dilemas da vida social. É aceito, então, que a identidade social da mulher não é unitária, mas que resulta de diferenças. Desse modo, podemos concebê-la como produto da negociação externa da diferença com outros sujeitos, estabelecendo um contínuo.

O sujeito contemporâneo é fragmentado, composto de várias identidades, muitas vezes mal resolvidas. Esse fato reflete a relação com o mundo exterior, pois “[...] as identidades que compunham as paisagens sociais lá fora e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso” (Hall, 2003:17). Essas transformações acabaram por mudar a própria dinâmica da sociedade em que vivemos.

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2003:17).

As identidades só se tornam uma questão a ser discutida quando entram em crise. Para compreender a situação do sujeito contemporâneo é preciso entender a evolução do conceito de sujeito em diferentes épocas.

No Iluminismo, o sujeito era centrado, unificado, dotado de razão e consciência. O sujeito cartesiano era individualista, nascia com uma identidade imutável que pouco ou nada se transformava durante sua existência. Nesse período também, a noção de sujeito era masculina, pois, às mulheres, o espaço dentro da sociedade era restrito ao ambiente doméstico. A segunda concepção refere-se ao sujeito sociológico, que reflete a crescente complexidade do mundo moderno. Este sujeito ainda possuía um núcleo imutável e sólido, mas as relações com outros homens começam a ter importância para a formação do seu eu. Há um contínuo diálogo com o mundo cultural exterior, transformando, assim, a visão desse sujeito. É essa identidade interiorizada que se esfacela no sujeito contemporâneo. O que era unificado e estável torna-se fragmentado e composto não de uma, mas de várias identidades, muitas vezes mal resolvidas e contraditórias.

O sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa e permanente, mas inúmeras identidades menores que vão alternando-se, formando-se e transformando-se de acordo como é interpelado pelos sistemas culturais que o rodeiam.

O sociólogo Zygmunt Bauman defende que, na atualidade, as identidades estão passando por um processo de transformação, deixando para trás seu estado sólido e tornando-se líquidas, adaptáveis moldáveis. Conforme Bauman (2005), vive-se na chamada modernidade líquida e nela as identidades se transformam de acordo

com a situação. Para o autor “estar fixo- ser identificado de modo inflexível e sem alternativa é cada vez mais malvisto” (2005: 35).

O sociólogo assevera que passamos da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. “E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças” (Bauman, 2005c: 57).

Bauman cita a criação das comunidades guarda-roupa, nas quais as múltiplas identidades que uma mesma pessoa pode assumir vão sendo trocadas de acordo com a situação, assim como se escolhe uma roupa diferente para cada ocasião.

Se os compromissos, incluindo aqueles em relação a uma identidade particular, são “insignificantes” [...], você tende a trocar uma identidade, escolhida de uma vez para sempre, por uma “rede de conexões”. Tendo feito isso, contudo, assumir um compromisso e torná-lo seguro parece muito mais difícil. (Bauman, 2005c: 54).

Foram vários os avanços na teoria social e nas ciências humanas durante a modernidade tardia que descentraram o sujeito cartesiano e deram origem ao que ele denomina como sujeito pós-moderno, descentrado e fragmentado. Dentre eles, destaca-se o feminismo, que faz parte da rede de movimentos sociais que emergiram nos anos sessenta e trouxeram uma nova dinâmica para a sociedade. Para Stuart Hall, a principal contribuição do feminismo é a relação direta deste como descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico: “Ele questionou a clássica distinção entre o ‘dentro’ e o ‘fora’, o ‘privado’ e o ‘público’. O slogan do feminismo era: ‘o pessoal é político’” (Hall, 2003: 45).

Dessa maneira, o feminismo abriu para a contestação política temas que faziam parte apenas da esfera privada, como a família, a sexualidade, o trabalho e a divisão doméstica, o cuidado com os filhos e ainda tematizou a forma como somos formados sujeitos, produzidos e genéricos. “Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero” (Hall, 2003: 45).

De acordo Cecil Jeanine Zinani (2006), as transformações sociais, assim como as mudanças pessoais são perpassadas pelo discurso, uma vez que as normas e modelos através dos quais se criam as redes de dominação, são estabelecidos pela linguagem.

Zinani afirma que a constituição do sujeito feminino é um “[...] processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-se abertos e indeterminados” (2006: 49).

Com o ápice das conquistas feministas, começou-se a pensar também no papel da mulher dentro das ciências sociais, como nas Artes Plásticas, Literatura e na História, e a forma como as mulheres passaram a produzir seu discurso começa a ter importância com a criação de uma crítica feminista.

A transformação social, bem como a mudança pessoal, referente à situação da mulher é perpassada pelo discurso, uma vez que normas e modelos, através dos quais se criam as redes de dominação, são estabelecidos na e pela linguagem. Assim, por meio da desconstrução do discurso patriarcal, a voz da figura feminina passa a ser ouvida, possibilitando-lhe revelar sua experiência e expressar uma nova ordem social e simbólica, cujos parâmetros desvelam o universo da mulher, com intenção de projetar uma estética de caráter feminino, na medida em que esse universo é representado na literatura, e que pode se converter em elementos político influente na transformação dos sistemas de poder existentes. (Zinani, 2006: 17).

O objetivo da crítica feminista é definir o sujeito mulher, e verificar as práticas culturais pelas quais esse sujeito se apresenta e é apresentado, bem como reconhecer as marcas de gênero que especificam os modos de ser masculino e feminino, assim como a forma com que é representado na literatura.

Dentro da crítica feminista, há duas modalidades a serem analisadas. A primeira é a crítica de feição feminista, que reflete sobre as especificidades do feminino e procura responder as diferentes perguntas suscitadas pelo texto, feitas por mulheres leitoras ou escritoras.

A segunda modalidade de crítica, denominada “ginocrítica”, refere-se à mulher como escritora e procura investigar o que se refere à produção literária, pois apresenta a preocupação em identificar a especificidade dos escritos das mulheres. Uma das formas de verificar essa última modalidade consiste em reconhecer, além da caracterização, da personagem feminina e das estruturas narrativas que determinam seu destino, o papel do narrador como instância enunciativa.

Um ponto importante da escrita feita por mulheres é que esta constitui um modelo polifônico, uma vez que contém duas histórias: uma dominante e outra silenciada. Por isso, a escrita feminina impõe um duplo esforço de decodificação, é necessário realizar duas leituras para que o texto seja interpretado: a leitura do dito e do não dito, para que o sentido latente do texto seja viabilizado.

Para Lucia Zolin (2012), os inúmeros debates, promovidos desde a década de 70, acerca do espaço relegado à mulher na sociedade, buscam transformar sua condição subjugada.

Trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo

homem. Tais discursos não só interferem no cotidiano feminino, mas também acabam por fundamentar os cânones críticos e teóricos tradicionais e masculinos que regem o saber sobre a literatura.

Dessa maneira, segundo Zolin (2012), a considerável produção artística de autoria feminina publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas.

3. Lindsey Rocha: incompletude e esfacelamento

Lindsey Rocha é escritora e artista plástica curitibana, formada em Letras pela UFPR e autora do livro *Nervuras do Silêncio*. Na internet, é autora do *blog Terra Totem*, em que publica textos, desenhos, pinturas e fotos de sua autoria, além de textos de escritores consagrados, que servem de inspiração e dão sentido ao seu trabalho.

O *blog Terra Totem* pode ser considerado um espaço multimidiático, no qual várias formas de artes contribuem para a expressão da artista. O espaço configura-se, assim, em um palco onde várias identidades se agregam. Lindsey Rocha, por meio de sua produção, esboça em múltiplas facetas sua incompletude e utiliza a arte como maneira de expressar a essência desse sujeito, que se fragmenta, em múltiplos personagens.

A procura por uma identidade se mostra em cada poema, desenho ou foto e pela necessidade de captar e interpretar o espaço onde vive. Em *Terra Totem*, é possível observar a busca pelas raízes, que passa pelo retorno ao início, à mãe Terra. O ar místico permeia o *blog*, em grande parte das postagens há indícios de uma mudança estrutural, de uma sociedade que, cada vez mais, fragmenta as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Esta perda de um “sentido de si” é registrada na obra da artista. Esse sujeito fragmentado e esfacelado almeja encontrar uma essência unificadora de sua identidade. Mas, durante essa busca, experimenta interminável número de novas identidades, com as quais entra em contato em seu caminho pelo autoconhecimento.

No desenho intitulado “Busca”, postado no *blog* em abril de 2010, é possível perceber a angústia causada pela fragmentação desse sujeito pós-moderno, assim como o desejo de encontrar uma essência de si mesmo. Os traços do desenho não

são lineares e mostram essa quebra da identidade contemporânea e a constante reconstrução da própria identidade, já que não é possível encontrar um início ou fim nos traços que o compõe, simbolizando o eterno retorno a si próprio.



Figura 1. “Busca”. Disponível em: <http://lindseyarte.blogspot.com.br/>

Percebe-se no desenho traços que estilizam uma pessoa, mas também um computador. Configura-se, assim, o sujeito pós-moderno, alvo das facilidades e influências recebidas do mundo externo, que confuso passa a não saber qual direção deve seguir. Tenta-se buscar resposta em seu novo alicerce estrutural: redes sociais, ficando vulnerável a qualquer opinião e posturas. Isso faz com que ocorra uma interação com a máquina e que o mundo real se confunda com o virtual. Nesse espaço digital, o sujeito e a subjetividade estabelecem-se na perspectiva dialógica e existem na linguagem e pela linguagem.

No desenho, no lugar do nariz, há traços que se assemelham a uma tomada, que se liga a outra parte que pode ser vista como uma tela de computador, mas, ao mesmo tempo, também pode ser interpretada como um livro aberto. No ciberespaço,

nasce um indivíduo que não é fruto do determinismo histórico e não é formado por matéria e espírito, deixa, portanto, de ser um conjunto previsível de estímulos. Nesse universo, o usuário define sua identidade e gênero por meio de construções discursivas que podem ou não corresponder à realidade física, o que configura uma existência não corpórea, mas real. É, enfim, um sujeito tecnológico, midiático e, acima de tudo, discursivo. Sua identidade está em constante movimento e, dadas as suas características efêmeras, é multilinear. É, acima de tudo, um “ser virtual”.

O sujeito que emerge na obra de Rocha é construído na linguagem, na interação com a máquina. Nessa relação entre a construção da subjetividade e a linguagem, nota-se o papel significativo desempenhado pelos processos midiáticos contemporâneos e, em especial, da Internet, a qual não foge dessas contradições e traz em si mesma um potencial de subversão da lógica, deixando suas marcas na nova identidade feminina.

A relação estabelecida entre o ser versus uso de tecnologias resulta em proposta irreal, que provoca uma desumanização profunda dos acontecimentos e do próprio sujeito, que se torna um número, uma categoria. Dessa forma, mesmo parecendo contraditório, observa-se a liberação e o fortalecimento da identidade da mulher, derivada do apagamento ou do desaparecimento de muitas figuras representativas do poder. Nessas circunstâncias, as identidades femininas tornam-se livres de convenções sociais. Na rede, as identidades, em sua grande maioria, são ficcionais, por essa razão, alimenta-se a fantasia das novas identidades femininas, ao negar ou alterar dados que revelam a verdadeira identidade das usuárias. Desse modo, os espaços internauticos cooperam para a fragmentação e a negação da verdadeira identidade da mulher pós-moderna.

4. Considerações finais

Segundo Rajagopalan (2002), é por meio da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas. Produzir textos é produzir propostas de significação com efeitos de sentidos que não são permanentes ou estáveis, pois o sentido se efetiva no ato do processamento pelo seu leitor/ouvinte, que pode fazer parte de contextos socioculturais diversos. Isso significa que toda nossa capacidade de lidar com o mundo e de ligar conhecimentos provém de nossos interesses e de nossa habilidade de organizar a experiência cognitivamente. Ao analisar o *blog* de Lindsey Rocha, é possível perceber os traços da pós-modernidade delineando as diferentes facetas das histórias que compõe o *blog*, seja de forma escrita ou em desenhos, pinturas e fotografias.

A questão da identidade está relacionada ao caráter da mudança na modernidade e, em particular, à globalização, que exerce um forte impacto sobre a identidade cultural. As sociedades modernas estão em constante e rápido processo de mudança, e nesse contexto insere-se a sociedade brasileira, em particular, as mudanças na representação da mulher na mídia, seja como profissional, seja como representante político. Seguindo essa abordagem podemos observar que a arte não só incorpora elementos da realidade, mas também redimensiona e recria essa mesma realidade, podendo ou não reforçá-la.

No “mundo possível” apresentado por Lindsey Rocha, sustentado por meio de estreitos laços mantidos com o “mundo real”, ocorre seleção dos fragmentos da vida e sua manipulação auxilia na construção de um sentido de realidade em que se misturam processos ideológicos pelos quais é legitimado um fato social —a condição feminina.

A obra de Rocha alimenta-se do mundo real, no qual atua, refletindo-o e interpenetrando-o. Esse universo é concebido e produzido em um contexto cultural e, nessa medida, atende a certas necessidades de representação do mundo que são articuladas e atreladas aos rituais e símbolos da prática social ou aos conceitos vigentes sobre o objeto, o dado referencial. Estes padrões encontram-se sintonizados com toda a lógica patriarcal, atuando na (re)construção de uma política de gênero que fixa o feminino como uma categoria sexual natural e imutável e não como uma construção cultural.

Ao traçar as linhas de seus desenhos, é marcante a incompletude das identidades, expressas nos traços inacabados, que se misturam e criam formas voláteis, passíveis de muitas interpretações. Na composição artística de Rocha percebe-se a metaforização do conceito de modernidade líquida descrito por Bauman, pois os personagens, criados pela artista, parecem se movimentar de acordo com a situação e podem ser interpretados de diferentes maneiras, dependendo do repertório cultural de quem os observa. Assim como as identidades deixam de ser fixas, sólidas e definidas, as criações de Lindsey fazem esse questionamento sobre quem realmente somos.

Bibliografia citada

- Bauman, Zygmunt (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Duarte, Elaine Cristina Carvalho. (2009). “*Literatura e cibercultura: a publicação literária na internet e os paradigmas textuais*”. Acesso em junho de 2012. Disponível

- em: <http://www.artigonal.com/literatura-artigos/literatura-e-cibercultura-a-publicacao-literaria-na-internet-e-os-paradigmas-textuais-1416156.html>.
- Ferrarezi, Ludmila; Bastos, Gustavo Grandini; Jean Carlos Ferreira dos. (2011). “Blogs e museus eletrônicos: um estudo discursivo” In: Romão, Lucília Maria Sousa; Galli, Fernanda Correa Silveira (org.). *Rede eletrônica: sentidos em movimento*. São Carlos: Pedro e João editores, 61-80.
- Giddens, Anthony. (2002). *Mundo em descontrolado - o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record.
- Hall, Stuart. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A editora.
- Rocha, Lindsey. *Terra Totem*. Consultado em 11/05/2012. Disponível em: <http://lindseyarte.blogspot.com.br/2010/04/blog-post.html#links>.
- Rajagopalan, Kanavillil. (2002). “A construção de identidades e a política de representação”. In: Ferreira, L. & Orrico, E. G. D. (org.). *Linguagem, identidade e memória social- novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP &A, 45-53.
- Teixeira, Nínia Cecília Ribas Borges. (2008). *Escrita de mulheres e a (des) construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses*. Guarapuava: Editora Unicentro.
- Vieira, Josênia Antunes. (2005). *A identidade da mulher na modernidade*. DELTA, vol.21, 207-238. Consultado em dezembro de 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.
- Zinani, Cecil Jeanine. (2006). *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul: EDUCS.
- Zolin, Lucia Osana. (2010). “Pós-modernidade e literatura de autoria feminina no Brasil”. Consultado em junho de 2012. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_1058.pdf.